

da Samária, regosijando-se no Senhor, ao verificar as profundas e benéficas modificações espirituais da alma gêmea da sua na peregrinação iterativa das encarnações terrenas. Tomada de alegria e reconhecimento para com a Providência Divina, Lívia beijou-lhe a fronte num transporte de indefinível ternura, enquanto Simeão erguia aos céus uma prece de amor e agradecimento.

O senador não lhes viu, diretamente, a presença suave e luminosa, mas no íntimo d'alma sentiu-se tocado por uma força nova, ao mesmo tempo que o seu coração amargurado se viu envólto na luz cariosa de uma consolação inefável e até então desconhecida.

VII

TEIAS DO INFORTÚNIO

Parecia que o ano 58 estava destinado a assinalar os mais penosos incidentes para a vida do senador Lentulus e de sua família.

A morte de Calpurnia e o falecimento inesperado de Lívia, dolorosos acontecimentos que impuseram á casa um luto permanente, obrigaram Plínio Severus a chegar-se um pouco mais ao ambiente doméstico, onde instituira uma trégua aos seus desatinos de homem ainda novo, para viver em relativa calma ao lado da esposa.

Aurelia, contudo, na violencia de suas pretensões, não descansava. Conseguindo introduzir uma serva astuta junto de Flavia, de conformidade com antigo projeto da sua mentalidade doentia, iniciou a sinistra execução de um plano diabólico, no sentido de envenenar, vagarosamente, a rival retraída e desditsa.

A princípio, observou a filha do senador que lhe surgiam algumas erupções cutâneas que, consideradas de somenos importância, foram tratadas tão sómente á pasta do miolo de pão misturado ao leite de jumenta, e havida na época, como específico dos mais eficazes para a con-

servação da pele. A espôsa de Plínio, todavia, queixava-se incessantemente de fraqueza geral, apresentando o mais profundo desânimo.

Quanto a Plínio, o retomar a normalidade da vida pública e entregar-se, de novo, ao violento amor de Aurelia, foi questão de poucos dias, regressando á vida espetacular, com a amante e, agora, com a situação sentimental muito agravada pelas caluniosas denúncias de Saúl, acerca-das relações afetuosa de Agripa com a espôsa.

Plínio Severus era generoso, embora impulsivo; mas, no regime familiar, seu espirito era o dêsses tiranos domésticos, que, adotando a conduta mais desregrada e incompreensivel, não toleram a minima falta no santuario da familia. Embora a sua orientação erronea e condenavel, passou a vigiar constantemente o irmão e a espôsa, com a feroz impulsividate de um leão ofendido.

Saúl de Gioras, por sua vez, despeitado com a sublime afeição fraternal entre Flavia e Agripa, o qual continuava com a dedicação silenciosa do seu amor de renúncia, não perdia ensejo para envenenar o coração impetuoso do oficial, levando-lhe ao espirito as calunias mais torpes e injustificaveis.

Agripa, na sua generosidade e no seu sentimentalismo, não podia adivinhar as ciladas que o enredavam na vida comum e prosseguia com a preciosa atenção de sua amizade santificante, junto da mulher que não podia amá-lo senão com um sublimado amor fraterno.

O ex-escravo dos Severus não perdia, contudo, as esperanças. Procurando, frequentemente, o velho Araxes, que aumentava de cupidez e ambição á medida que se lhe multiplicavam os anos, aguardava ansiosamente o instante de realizar as suas apaixonadas esperanças.

Obervando que Flavia Lentulia dispensava funda afeição á Agripa, não trepidou em ver sinceramente nos seus menores gestos uma prova de amor intenso e correspondido, procurando insinuar-se por todos os modos, afim-de captar-lhe, igualmente, o interesse e a atenção.

Uma noite, depois de mais de dois meses de expectativa ansiosa para atingir seus fins ignobres, conseguiu

ficar só, absolutamente só, em companhia da jóven senhora, que se mantinha em breve repouso, num largo divã do espaçoso terraço.

Do alto, contemplavam-se os mais belos panoramas da cidade, então clareada pelo brilho das primeiras estrelas, na languidez suave do crepúsculo. As brisas cariocas da tarde tranquila traziam sons de alaúdes e harpas, tangidos nas vizinhanças, como se fôssem vozes harmoniosas do seio imenso da noite.

Saúl fixou a mulher cobiçada, contemplando-lhe o formoso e delicado semblante de madona, de uma palidez de neve, sob o domínio de um langor doentio e inexplicável!... Aquela criatura representava o objeto de todas as suas aspirações violentas e rudes, a méta da sua felicidade impossível e impetuosa. Na materialidade dos seus sentimentos, não a podia amar como se fôra um irmão e sim com a brutalidade dos seus impuros desejos.

— Senhora — disse resoluto, depois de fitar-lhe o rosto demoradamente — ha muitos anos espero um minuto como este, para poder confessar-vos a enorme afeição que vos dedico. Quero-vos acima de tudo, até da propria vida! Sei que para mim estais num plano inacessível, mas, que fazer, se não consigo dominar esta adoração, este intenso amor de minhalma?

Flavia abriu demesuradamente os olhos serenos e tristonhos, tomada de penosa surpresa.

— Senhor Saúl — revidou corajosamente, triunfando da sua emoção — serenei o vosso ânimo!... Se me tendes tamanha afeição, deixai-me no caminho dos meus deveres, onde precisa conservar-se toda a mulher ciosa da sua virtude e do seu nome! Calai, portanto, as vossas emoções neste sentido, porque o amor de vossas afirmativas não pode passar de um desejo violento e impuro!...

— Impossivel, senhora! — ajoutou o liberto exasperado — já fiz tudo por esquecer-vos... Tenho feito tudo que era possível para afastar-me definitivamente de Roma, desde o dia infâusto em que vos vi pela primeira vez!... Regressei para Massilia decidido a nunca mais voltar, porém, quanto mais me apartava da vossa

presença, mais se me enchia a alma de tédio e de amargura! Fixei-me aquí, novamente, onde tenho vivido da minha desventura e das minhas tristes esperanças!... Por mais de dez anos, senhora, tenho esperado pacientemente. Sempre tributei respeito ás vossas indiscutíveis virtudes, aguardando que um dia vos cansasseis do esposo infiel que o destino colocou, impiedosamente, no vosso caminho!...

Agora, pressinto que esgotastes o cálice das amarguras domésticas, porque não hesitastes em ceder ao aféto de Agripa!... Desde que vos vi, na companhia de um homem que não é o vosso marido, tremo de ciúmes, porque sinto que fostes talhada apenas para mim... Ardo em zelos, senhora, e todas as noites sonho intensamente com os vossos carinhos e com a doce ternura de vossas palavras, que me enchem a alma toda, como se de vós tão sómente dependesse toda a felicidade da minha vida!...

Atendei aos apelos de minha afeição interminavel! Não me façais esperar mais tempo, porque eu poderia morrer!...

Flavia Lentulia ouvia-o, agora, entre surpreendida e aterrada. Quis levantar-se, mas faltou-lhe o ânimo precioso. Mesmo assim, teve a coragem necessaria para responder-lhe:

— Enganais-vos! — entre mim e Agripa existe apenas uma afeição santificada e pura, de irmãos que se identificam nas provações e nas lutas da vida.

Não aceito as vossas insinuações acrimoniosas á vida particular de meu marido, porque, tenha él a conduta que lhe aprouver na existencia, eu devo ser a sentinel da seu lar e a honra do seu nome...

Se puderdes compreender o respeito devido a uma mulher, retirai-vos daqui, porque os vossos propositos de traíção me causam a mais funda repugnancia!

— Deixar-vos?! Nunca!... — exclamou Saúl com terrível entono. Esperar tantos anos e nada conseguir? Nunca, nunca!...

E avançando para a senhora indefesa, que se levantara num esforço supremo, abraçou-lhe o busto, em ân-

sias apaixonadas, retendo-a nos braços impulsivos, por um rapido minuto.

Saúl, todavia, na sua excitação e terrivel impulsionidade, não teve ânimo para resistir á fôrça sobre-humana com que a pobre senhora se defendeu naquele transe penoso para a sua alma sensivel, e perdeu a presa que se lhe escapou inopinadamente das mãos criminosas, descendo imediatamente aos seus aposentos, onde se recolheu chorando as lágrimas da sua dignidade ofendida, mas evitando qualquer nota escandalosa sôbre o incidente.

Só no dia seguinte, á noite, Plinio Severus veiu á casa, encontrando-a desalentada e abatida.

Censurando-lhe a ausencia, na intimidade conjugal, o espôso infiel respondeu-lhe secamente:

— Mais uma cena de ciúmes? Bem sabes que isso é inútil!

— Plinio, meu querido — esclareceu entre lágrimas — não se trata de ciúme, mas da justa defesa de nossa casa!...

E, em rápidas palavras, a desventurada criatura o pôs ao corrente de todos os fatos; todavia, o oficial esboçou um sorriso de incredulidade, acentuando com certa indiferença:

— Se esta longa história é mais um artificio de mulher ciumenta, para me reter na insipidez do ambiente doméstico, todo o esfôrço é dispensavel, porque Saúl é o meu melhor amigo. Ainda ontem, quando me encontrava em sérias aperturas financeiras para resgatar algumas dívidas, foi êle quem me emprestou oitocentos mil sestérios. Seria melhor, portanto, que prezasses melhor a honra do nosso nome, abandonando as tuas relações com Agripa, já excessivamente comentadas, para que eu alimente qualquer dúvida!

E, assim falando, retirou-se novamente para os prazeres da vida noturna, enquanto a consorte amargava, em silêncio, o seu inominavel martirio moral, sentindo-se abandonada e incomprendida, sem qualquer esperança.

Alguns dias correram lentos, amargos, dolorosos,

Flavia, dado o seu natural retraiamento feminino, não teve coragem de confiar ao pai, já de si tão acanhado pelos golpes da vida, a sua enorme amargura.

Agripa, contudo, observando-lhe o abatimento, buscava confortar-lhe o coração com generosas palavras, examinando as perspectivas de melhores dias no porvir.

A pobre senhora, todavia, definhava a olhos vistos, sob o dominio das molestias inexplicaveis que lhe dominavam os centros de fôrça e sob a tortura íntima dos seus penosos segredos.

Saúl de Gioras, porém, como se tivesse todos os seus instintos açulados por aquele minuto em que tivera entre os braços impetuoso a mulher dos seus desejos impulsivos, jurava, intimamente, possu-la a qualquer preço, enchendo-se dos mais terríveis propositos de vingança contra o filho mais velho de Flaminio. Foi assim que continuou a frequentar o palacio do Aventino, tomado das intenções mais sinistras.

Respeitando as antigas tradições da familia Severus, que sempre fizera questão de proporcionar áquele liberto um perfeito tratamento de amigo íntimo, Publio Lentulus, embora a pouca simpatia que lhe inspirava, concedia-lhe o maximo de liberdade na sua residencia, sem suspeitar de leve, dos seus propositos condenaveis. Agora, porém, Saúl não buscava a intimidade da familia nem se avistar, de modo algum, com a espôsa de Plinio ou com o pai, conservando-se em companhia dos servos da casa ou permanecendo nos aposentos particulares de Agripa ou do irmão, que nunca lhe haviam negado a mais sincera confiança.

Da sua permanencia nas sombras, todavia, procurava observar os mínimos gestos do irmão mais velho de Plinio, que, atendendo á situação de abatimento de Flavia Lentilia, conservava-se horas a fio, muitas vezes em companhia do velho senador, nos seus apartamentos privados, ora prolongando as suas tristes esperanças no futuro, com a possivel comprehensão do espôso, ora dando-lhe a conhecer os versos mais admirados da cidade, comentando-se, fraternalmente, as bagatelas encantadoras da vida social.

Diariamente, contudo, o sicofanta procurava o marido de Flavia, para colocá-lo ao corrente de fatos injustificáveis e inverosímeis, a respeito da vida íntima de sua mulher.

Plinio Severus dava todo o crédito aos desarrazoados do falso amigo, afervorando cada vez mais sua dedicação a Aurelia, que lhe empolgava o coração, assediado e enceguecido pelas mais torpes tentações da vida material.

Envenenado pelas intrigas criminosas e reiteradas de Saúl, licenciara-se o oficial, de modo a realizar uma viagem ás Gálias, com a amante, por satisfazer-lhe caprichosos desejos ha muito manifestados.

No dia da partida para Massilia, de onde pretendia demandar o interior da província, foi procurado por Saúl na residencia de Aurelia, que ficava proximo do Forum, ouvindo-lhe, em febre de ódio, as mais tremendas afirmativas, terminadas com esta aleivosa sugestão:

— "Se quiseres verificar por ti mesmo a traição de Agripa e tua' mulher, volta hoje á noite, furtivamente, á tua casa e busca penetrar inesperadamente no teu quarto. Não precisarás, então, dos zelos da minha dedicação amiga, porque encontrarás meu irmão em atitudes decisivas."

Naquele momento, Plinio Severus ultimava os preparativos de viagem, tendo mesmo, pela manhã, apresentado as suas despedidas em casa, aos mais íntimos familiares e, para justificar os imperativos de sua ausência, alegara determinações imperiosas da chefia de suas atividades militares, embora fôssem muito diversos os verdadeiros e inconfessáveis motivos da sua partida.

Ouvindo, entretanto, as graves denúncias do liberto judeu, o oficial preparou-se para enfrentar qualquer eventualidade, dirigindo-se, á noite, para o palacio do Aventino, com o espirito atormentado por tigrinos sentimentos.

O liberto, porém, que planejava executar seus projetos criminosos, nas suas intenções impiedosas e terríveis, postou-se, á noitinha, com a cumplicidade natural de todos os servidores da casa, nos apartamentos particulares de Agripa, procedendo de tal modo que os pro-

prios escravos não poderiam atinar com a permanencia de sua presença nos aposentos referidos.

A' noite, Plinio Severus procurou a casa, inopinadamente, com surpresa para alguns criados, que tinham ciencia de suas despedidas e, sem dizer palavra, enceguecido pelas calúnias injuriosas do falso amigo, penetrou cautelosamente no gabinete da espôsa, ouvindo a voz despreocupada do irmão, embora não conseguisse identificar as suas palavras.

Abrindo, um pouco, a cortina sedosa e delicada, viu Agripa nos seus gestos de carinho íntimo e fraterno, acariciando as mãos de sua mulher com um leve e doce sorriso.

Por muito tempo observou-lhes, ansioso, os menores gestos, surpreendendo-lhes as reciprocas demonstrações de suave estima fraternal, representadas agora, aos seus olhos cegos de ódio e ciúme, como os mais francos indícios de prevaricação e de adulterio.

No auge da desesperação, abriu as cortinas num gesto brusco, penetrando a camara conjugal, como se fôra um tigre atormentado.

— Infames!... — gritou em voz baixa e energica, procurando evitar a escandalosa assistencia dos criados. Então, é deste modo que manifestam o respeito devido á dignidade do nosso nome?

Flavia Lentulia, com os seus padecimentos fisicos fundamente agravados, fez-se palida de neve, enquanto Agripa enfrentava o terrivel olhar do irmão, singularmente surpreendido.

— Plinio, com que direito me insultas dessa forma? — perguntou êle energeticamente. Saímos daqui, imediatamente. Discutiremos as tuas injuriosas objeções no meu quarto. Aqui permanece uma nobre criatura enferma e abandonada pelo espôso, que lhe humilha o nome e os melindres com a vileza de um proceder criminoso e injustificavel, que requer o nosso amparo e o nosso respeito!...

Os olhos de Plinio Severus fuzilavam de raiva, enquanto o irmão levantou-se serenamente, retirando-se para os seus aposentos, acompanhado do oficial que

fremlia de raiva, agravada pela humilhação que lhe infligia a calma superior do adversario.

Chegados, porém, aos aposentos de Agripa, o impulsivo oficial, depois de numerosas acusações e reprimendas, explodia em exclamações dêste jaez:

— Vamos! Explica-te, traíador!... Então, lanças a lama da tua ignomina sobre o meu nome e te acovardas nesta serenidade incompreensivel!?

— Plinio — exclamou Agripa ponderadamente, obrigando o interlocutor a calar por alguns momentos — é tempo de pôres termo aos teus desatinos.

Como poderás provar semelhante calúnia contra mim, que sempre te desejei o maior bem? Qualquer comentario menos digno, acerca-da conduta de tua mulher, é um crime imperdoavel. Falo-te, nesta hora grave dos nossos destinos, invocando a memoria irrepreensivel de nossos pais e o nosso passado de sinceridade e confiança fraterna...

O impetuoso oficial quasi se imobilizara, como um leão ferido, ouvindo essas ponderações superiores e calmas, enquanto Agripa continuava a externar suas impressões mais íntimas e mais sinceras:

— E agora — prosseguia com serenidade — já que reclamas um direito que nunca cultivaste, em vista da sucessão interminavel dos teus desatinos na vida social, devo afirmar-te que adorei tua mulher acima de tudo, em toda a vida!... Quando gastavas a tua mocidade junto do espirito turbulent de Aurelia, vimos Flavia, na sua juventude, pela primeira vez, logo apôs o seu regresso da Palestina e descobri nos seus olhos a claridade afetuosa e terna que deveria iluminar a placidez do lar que eu idealizei nos dias que se foram!... Mas, descobriste, simultaneamente, a mesma luz e eu não hesitei em reconhecer os direitos que te cabiam ao coração, porque ela correspondeu á intensidade do teu afeto, parecendo-me unida a ti pelos laços indefiniveis de um santificado misterio!... Flavia te amava, como sempre te amou, e a mim só competia esquecer, buscando ocultar as minhas ansiedades torturantes angustiosas!...

Ao ensejo do teu casamento, não resistí vê-la partir nos teus braços e, depois de ouvir a palavra materna, amorosa e sábia, demandei outras terras com o coração esfacelado! Por dez anos amargurosos e tristes, peregrinei entre Massilia e a nossa propriedade de Avenio, em aventuras loucas e criminosas, em se tratando dos sentimentos mais santos do coração... Nunca mais pude acarinhar a idéia da constituição de uma familia, atormentado constantemente pelas recordações da minha desventura silenciosa e irremediavel.

Ultimamente, voltei á Roma com os derradeiros resquicios de minhas ilusões dolorosas e malogradas...

Encontrei-te no abismo das afeições ilicitas e não te condenei os deslizes injustificaveis.

Sei que gastaste três quartas partes dos nossos bens comuns, satisfazendo á louca prodigalidade de tuas aventuras infelizes e degradantes, e não te censurei o procedimento inesperado.

E aqui, nesta casa, sob este této que constitue para nós ambos o prolongamento carinhoso do této paternal, não tenho sido para a tua nobre mulher, senão um irmão dedicado e amigo!...

Vendo-se acusado, claramente, por suas faltas e sentindo-se ferido nas suas vaidades de homem, Plinio Severus reagiu com mais ferocidade, exclamando exaltadamente na sua desesperação:

— Infame, é inútil aparentares esta superioridade inacreditavel! Somos iguais, nos mesmos sentimentos, e não creio na tua dedicação desinteressada nesta casa. Ha muito tempo vives com Flavia, ostensivamente, em aventuras criminosas, mas resolveremos, agora, toda a nossa questão pela espada, porque um de nós deve desaparecer!...

E, arrancando a arma de que fôra munido para qualquer eventualidade, avançou decididamente para o irmão, que cruzou os braços, serenamente, esperando-lhe o golpe implacavel.

— Enfão, onde se encontram os teus brios de homem? — exclamou Plinio exasperado. Esta serenidade expressa bem a tua covardia... Coloca-te em defesa da

vida, porque quando dois irmãos disputam a mesma mulher, um deles deve morrer!

Agripa Severus, porém, sorriu tristemente, exclamando:

— Não retardes muito a consumação dos teus propositos, porque me prestarás o bem supremo da sepultura, já que a minha vida, com as suas torturas de cada instante, nada mais representa que um caminho escabroso e longo para a morte.

Reconhecendo-lhe a nobreza e o heroísmo, mas acreditando na infidelidade da mulher, Plínio guardou novamente a espada, exclamando:

— Está bem! Eu podia eliminar-te, mas não o faço, em consideração á memoria de nossos pais inesquecíveis; todavia, continuando a acreditar na tua infamia, partirei daqui para sempre, levando no íntimo a certeza de que tenho em teu espirito de traidor o meu maior e pior inimigo.

Sem mais palavra, Plínio retirou-se a passos largos, enquanto o irmão caminhando até a porta, lançava-lhe um derradeiro apêlo afetuoso, para que não se fôsse.

Alguém, todavia, acompanhara a cena, detalhe por detalhe. Esse alguém era Saúl de Gioras que, saíndo do seu esconderijo e apagando inopinadamente a luz do quarto, alcansou Agripa num salto certo, pelas costas, vibrando-lhe um violento golpe. O pobre rapaz caiu redondamente numa pôça enorme de sangue, sem que lhe fosse possível articular uma palavra. Em seguida ao ato criminoso, fugiu o liberto afetando despreocupação, sem que ninguém pudesse atinar com a dolorosa ocorrência.

No seu quarto, porém, Flavia Lentulia se surpreendia com a demora da solução de um caso em que se via envolvida e também considerado, por ela, á primeira vista, como um acontecimento sem importância.

Levantou-se, depois de considerável esforço, dirigindo-se á porta que comunicava os apartamentos de Agripa com o peristilo, mas, surpreendida com a escuridão e silêncio reinantes, apenas escutou, vindo do interior um

leve rumor, semelhante aos sons roucos de uma respiração fatigada e opressa.

Dominada por dolorosos pressentimentos, a desventurada criatura sentiu bater-lhe o coração descompasadamente.

A ausencia de luz, aquele ruído de respiração estertorosa e, sobretudo, o profundo e pavoroso silêncio, fizera-na recuar, buscando o socorro e a experiência de Ana, que lhe seduzira igualmente o coração, pela dedicação e pela humildade, em todos os dias daquele amargurado período da sua existencia.

Gozando do respeito e da estima de todos, a velha criada de Lívia era, agora, quasi a governanta da casa, a quem, por determinação dos senhores, todas as escravas do palacio do Aventino deviam obediencia.

Chamada por Flavia aos seus aposentos particulares, a velha servidora dos Lentulus depois de ouvir a apressada confidencia da senhora, compartilhando-lhe dos receios, acompanhou-a ao quarto de Agripa, em cuja porta de entrada também parou, pensativa, embora já não mais se ouvisse a respiração opressa, observada minutos antes pela esposa de Plínio.

— Senhora — disse afetuosa — estas abatida e ainda necessitais de repouso. Voltai ao quarto; se algo houver que justifique os vossos receios, procurarei resolver o assunto junto de vosso pai, a quem cientificarei do que houver, lá no seu gabinete particular.

— Agradecida, Ana — respondeu a senhora visivelmente emocionada — concordo contigo, mas esperarei aqui no peristilo o resultado de tuas providências.

Com uma prece, a antiga criada penetrou no aposento, fazendo um pouco de luz e parando o olhar, quasi estarrecida.

No tapete, o cadáver de Agripa Severus, caído de bôrco, descansava numa pôça de sangue, que ainda corría do profundo ferimento aberto pela arma homicida de Saúl.

Ana precisou mobilizar todas as reservas de serenidade da sua fé, para não gritar escandalosamente, alarmando a casa inteira. Ela, porém, que tantos padecimen-

tos havia já experimentado em todo o curso da vida, não tinha grande dificuldade em juntar mais uma nota angustiosa ao concerto de suas amarguras, sofridas sempre com resignação e serenidade.

Todavia, sem poder dissimular a angustia e a profunda palidez, voltou novamente ao peristilo, exclamando algo inquieto, para Flavia Lentulia, que lhe observava as minimas atitudes, ansiosamente:

— Senhora, não vos assusteis, mas o senhor Agripa está ferido...

E aos primeiros movimentos de curiosidade angustiosa da filha do senador, que lembrava a profunda desesperação do espôso momentos antes, Ana acalmou-a com estas palavras:

— Não temos tempo a perder! Procuremos o senador, para as primeiras providências; contudo, suponho que devo cuidar sozinha dessa tarefa, aconselhando-vos a buscar a tranquilidade do vosso quarto.

Mas, silenciosas e inquietas, dirigiram-se as duas, apressadamente, ao gabinete de Publio, que descansava os olhos sobre numerosos processos políticos, no seio tranquilo da noite.

— Agripa, ferido?! — perguntou altamente surpreendido o senador, depois de se inteirar da ocorrência pela palavra de Ana. Mas, quem teria sido o autor de semelhante atentado nesta casa?

— Meu pai — respondeu Flavia entre lágrimas — ainda há pouco, Plinio e Agripa tiveram séria altercação, no interior dos meus aposentos!...

Publio Lentulus percebeu o perigo das palavras confidenciais da filha em tal circunstância e, como não podia acreditar que os filhos de Flaminio, sempre tão unidos e generosos, fôssem ao extremo das armas, acen-tuou decisivamente:

— Minha filha, não acredito que Plinio e Agripa se abalançassem a tais extremos.

E, como estivessem na presença de Ana, que por mais conceituada que fôsse, agora, na sua confiança pessoal, não pedia modificar a estrutura de suas rígidas tradições familiares, acrescentou como se quisesse pre-

venir o espirito da filha contra qualquer revelação inconveniente que pudesse envolver o seu nome, nos escândalos sociais, irremediables:

— Além disso, não me parece muito certa em tuas lembranças, porque Plinio despediu-se de manhã, seguindo viagem para Massilia. Não podemos esquecer esta circunstância.

Não se viu algum desconhecido nesta casa?

— Senhor — respondeu Ana, com humildade — ha alguns minutos vi que o senhor Saúl se retirava apressado lá do quarto do ferido. De acordo com as minhas observações e atento á sua familiaridade com os vossos amigos, suponho-o pessoa indicada para nos dar qualquer esclarecimento.

Os olhos do velho senador brilharam estranhamente, como se houvesse encontrado a chave do enigma.

Nesse instante, porém, enquanto organizava os seus papéis, apressadamente, afim-de prestar os primeiros socorros ao ferido, Flavia Lentulia, como se as observações de Ana lhe suscitassem novas explicações, rompeu soluçante.

— Meu pai, meu pai, só agora me recordo de que vos deveria científicar de cousas muito graves!...

— Filha, — acudiu com decisão — estás doente e fatigada. Recolhe-te ao quarto, procurarei a tudo remediar!... E' muito tarde para qualquer ponderação. As cousas graves são sempre más e o mal que não se corta pela raiz, com o esclarecimento necessário, é sempre uma semente de calamidade guardada em nosso coração, para rebentar em lágrimas de amargura, nas horas inesperadas da vida!... Falaremos, pois, mais tarde. Urge, agora, providenciar o que seja mais urgente e oportunoo.

Retirando-se apressado, com a serva, em demanda dos apartamentos do rapaz, notou que Flavia obedecia, sem discussão, ás suas determinações, recolhendo-se ao quarto.

Penetrando nos aposentos de Agripa, em companhia da velha serva, Públilio Lentulus conseguiu medir toda

a extensão da tragedia ali desenrolada, sob o seu teto respeitável.

Fechando a porta de acesso, o senador verificou que o filho mais velho do seu inesquecível Flaminio estava morto, restando saber os íntimos detalhes daquele drama doloroso, cujo fim angustiado era a única cena que ali se separava.

Ajoelhando-se ao lado do cadáver, no que foi acompanhado pela serva e amiga leal, falou compungidamente:

— Ana, é muito tarde!... O meu pobre Agripa já não vive, nem haveria possibilidade de socorro para um ferimento desta natureza!... Parece haver expirado há poucos momentos!...

Alçando ao Alto o olhar marejado de lágrimas, exclamou amarguradamente:

— O' manes de meu desventurado filho, acolhei as nossas súplicas pelo descanso perpétuo de sua alma!...

Todavia, aquela prece morrera-lhe no íntimo. A voz tornara-se-lhe frouxa e oprimida. Aquele espetáculo hediondo abalara-o profundamente. Queria falar, sem o conseguir, porquanto tinha a garganta como que dilacerada e rebelde, sob a força dos singultos do coração, que morriam latentes na soledade da sua imperiosa fortaleza espiritual.

Ana o contemplou aflita, porque seus olhos nunca o haviam observado em atitudes tão íntimas, em todo o longo tempo de serviço naquela casa.

Publio Lentulus, aos seus olhos era sempre o homem frio e impiedoso, em cujo peito pulsava um coração de ferro, que não podia timbrar senão para as loucas vaidades mundanas.

Naquele instante, contudo, entre assustada e comovida, observava que também o senador tinha lágrimas para chorar. De seus olhos sempre altivos, caíam lágrimas ardentes, que rolavam, silenciosas e tristes, sobre a cabeça inerte do rapaz, também considerado por ele um filho, como se nada mais lhe restasse, além do consolo supremo de abraçar carinhosamente os seus tris-

tes despojos, através do véu escuro de suas dúvidas angustiosas.

Ana, profundamente tocada pela amargura daquela cena íntima, exclamou com humildade, desejosa de confortar a dor imensa daquele mal sem remédio:

— Senhor, tenhamos coragem e serenidade. Nas minhas orações obscuras, peço ao profeta de Nazaré que vos ampare do céu, confortando-vos o coração sofredor e desalentado!

O pensamento do senador vagava no dédalo das dúvidas tenebrosas. Cotejando as observações da filha e as palavras de Ana, buscava descobrir, no íntimo, a intuição sobre a culpabilidade do delito. A qual dos dois, Plínio ou Saúl, deveria imputar a autoria do atentado nefando? Ele, que decidira tantos processos difíceis na sua vida, ele, que era senador e não perdia também ensejo de participar dos esforços da edilidade romana, sentia agora a dor suprema de exercer a justiça em sua propria casa, na perspectiva da destruição de toda a ventura dos seus filhos muito amados!...

Ouvindo, porém, as expressões consoladoras e carinhosas da serva, recordou a figura extraordinaria de Jesus Nazareno, cuja doutrina de piedade e misericordia a tantos fortalecia para afrontar as situações mais ríspidas da vida, ou para morrer, heróicamente, como sua propria mulher. Dirigindo-se, então, á criada, com uma intimidade imprevista, em gestos comovedores de simplicidade generosa, quais a serva jamais lhe observara, em qualquer circunstância da vida doméstica, disse:

— Ana, — sempre fui um homem energico, em toda a vida, mas chega sempre um momento em que o nosso coração se sente acabrunhado diante da rudeza das lutas que o mundo nos oferece com as suas desilusões amargas e dolorosas! Se és tão sómente uma serva, eu sei hoje apreciar-te o coração, embora tardivamente!...

Uma lágrima espontânea embargava-lhe a voz, porém, o velho patrício continuava:

— Em toda a minha existencia, tenho julgado uma imensidão de processos de toda natureza, relativos á justiça do mundo; mas, de tempos a esta parte, parece-

me que estou sendo julgado pela fôrça incoercivel de uma justiça suprema, cujos tribunais não se encontram na Terra!...

Desde a morte de Lívia, sinto o coração modificado, a caminho de uma sensibilidade para mim, até então, desconhecida.

A aproximação da velhice parece uma ante-câmara da morte de todos os nossos sonhos e esperanças!...

Frente a este cadáver, que, certamente, vai aumentar a sombra dos nossos segredos de família, sinto quão dolorosa é a tarefa de justiçar os nossos entes amados e, já que te refers ao Mestre de Nazaré, cuja doutrina de paz e fraternidade a tantos tem ensinado a morrer com resignação e heroísmo supremos, pela vitória da cruz dos seus martírios terrestres, como procederia êle num caso dêstes, em que as mais tremendas dúvidas me pairam no coração, quanto á culpabilidade de um filho muito amado?

— Senhor — respondeu Ana, com humildade, fundamentalmente comovida ante aquela prova de consideração afetuosa — muitas vezes, Jesus nos ensinou que jamais devemos julgar para não sermos também julgados.

O senador se surpreendia, ao receber, de uma criatura tão simples e tão inculta aos seus olhos, essa maravilhosa síntese da filosofia humana, repassando, no espírito, o seu doloroso passado.

— Mas, — aventurei como se quisesse justificar-se a si mesmo dos erros profundos do seu passado de homem público — os que não julgam perdoam e esquecem; e, se mandam as leis da vida que sejamos agradecidos ao bem que se nos faga, não podemos perdoar o mal que se nos atira no caminho!...

Ana, porém, não perdeu o ensejo de consolidar o ensinamento evangélico, acrescentando com doçura:

— Mesmo na minha terra, a Lei antiga mandava que se cobrasse olho por olho e dente por dente, mas Jesus de Nazaré, sem destruir a essencia dos ensinos do Templo, esclareceu que os que mais erram no mundo são os mais infelizes e mais necessitados do nosso amparo espiritual, recomendando, na sua doutrina de amor e ca-

ridade, não perdoassemos uma vez só, mas setenta vezes sete vezes.

Publio Lentulus admirava-se de aprender aqueles generosos conceitos da sua criada, dentro dos princípios do perdão irrestrito. Perdoar? Nunca o fizera em suas porfiadas lutas no mundo. Sua educação não admitia piedade ou comiseração para os inimigos, porque todo perdão e toda humildade significavam, para os de sua classe, traição ou covardia.

Lembrava-se, porém, agora, de que em numerosos processos políticos poderia haver perdoado e que, em muitas circunstâncias da sua vida, poderia ter fechado os olhos da sua severidade com amoroso esquecimento.

Sem saber a razão, como se uma energia ignorada lhe reconduzisse o pensamento aos tempos idos, suas lembranças se transportaram ao período remoto de sua viagem á Judéia, revendo com os olhos da imaginação a cena em que, com o seu rigorismo, escravizara impiedosamente um misero rapaz. Sim, também aquele jovem se chamava Saúl e êle trazia agora o cérebro ralado por dúvidas amargas, entre aquele Saúl, liberto dos seus amigos, e a figura de Plínio, sempre guardada no seu conceito num halo de amor e generosidade.

Perdoar?

E o pensamento do senador se quedava em meditações amargas e penosissimas, naqueles minutos angustiados e longos. Era, talvez, uma das poucas vezes na vida, em que o seu cérebro duvidava, receoso de fazer cair a austeridade do julgamento sobre a frente de um filho muito querido.

Mas, saíndo dessa apatia de alguns minutos, exclamou com resolução:

— Ana, o profeta Nazareno devia ser, de fato, uma figura divina aqui na Terra!... Eu, porém, sou humano e careço de fôrças novas para viver uma existência fóra de minha época... Quero perdoar e não posso... Quero julgar, todavia, neste caso, e não sei como fazê-lo... Mas, hei de saber decidir, quanto á solução deste angustioso problema! Farei o possível por observar os preceitos do meu mestre, guardando uma atitude de silêncio, até que

venha a conhecer o verdadeiro culpado, quando, então, buscarei não julgar como os homens, mas pedir á essa justiça divina que se manifeste, amparando meus pensamentos e esclarecendo os meus atos...

E como se retomasse a sua energia usual para as lutas da vida, o velho patrício sentenciou:

— Agora, tratemos da vida nas suas realidades dolorosas.

Colocou o cadáver de Agripa no leito e recomendando á serva que preparasse o espírito da filha, amparando-lhe o coração no angustioso transe, abriu as portas do aposento, requisitou a presença de todos os famulos da casa, levando a ocorrência ao conhecimento das autoridades e procedendo, simultaneamente, a rigoroso inquerito, afim-de apurar a procedencia do crime, embora um episodio daquela natureza fôsse considerado vulgarissimo nos dias atribulados da Roma de Domício Nero.

Alguns criados alegavam ter visto Plínio Severus com o irmão, durante a noite; mas a palavra do senador anulava-lhes as declarações, com a afirmativa de que o irmão da vítima havia partido, durante o dia, em demanda do porto de Massilia.

Saúl era, dêsse modo, a pessoa naturalmente indicada para prestar declarações e, antes que se realizassem as ceremonias funebres, o senador supunha ter razões para crer na sua culpa, observando-lhe as evasivas e alusões descabidas, que não satisfaziam ás exigências da sua perquirição psicologica. Suas afirmações e indiretas não coincidiam com as asseverações incisivas de Ana, cuja retidão de palavra êle bem conhecia. Em alguns topicos de suas informações, negou estivesse presente nos aposentos de Agripa e isso foi o bastante para o que o senador verificasse que mentia.

Quanto a Plínio, não fôra de fato encontrado, obtendo-se tão sómente a laconica participação da sua partida para Massilia, o que de fato ocorrera na mesma noite da tragedia, depois da sua altercação decisiva com o irmão, no palacio do Aventino.

Em companhia de Aurelia, demandava as Galias, em sumtuosa galera, singrando as aguas calmas do antigo mar romano.

O senador, porém, apenas desejava ouvir melhor as confidencias da filha, para arrancar a confissão suprema do misero liberto de Flaminio, de cuja culpabilidade não tinha mais dúvida.

Procurou, dessarte, realizar com a maior discreção os funerais do filho do seu inesquecível amigo, aos quais Saúl de Gioras teve a desfaçatez de assistir, com toda a serenidade venenosa do seu espírito mesquinho.

Flavia Lentulia, porém, sob o efeito pernicioso de toxicos letais, que lhe haviam sido aplicados por Athéia, a serva traídora, paga por Aurelia, que, na sua inconsciencia, havia envenenado todos os comedios do seu uso, destinados ao tratamento da pele e dos cílios, tinha, agora, todos os seus padecimentos fisicos singularmente agravados, além da terrivel situação moral em face da penosa ocorrência e acabrunhada, igualmente, por dúvidas angustiosas.

Aquele mal da infancia parecia reviver, porque o corpo novamente se abria em chagas dolorosas, enquanto os olhos pareciam seriamente atacados por molestia imiplacavel.

Três dias depois das exequias de Agripa, Publio Lentulus fundamentalmente penalizado, ouviu-lhe o depoimento íntimo e angustioso, com o maximo de atenção amorosa e interessada. Findo o relato minucioso da filha, cujas desventuras conjugais lhe tocavam o âmago do coração, o velho senador requereu novo interrogatorio de Saúl, com a sua presença, mas, enviando emissarios á procura do liberto de Flaminio, ficara atônito com uma nova surpresa.

Saúl de Gioras, depois de responder ás arguições particulares de Publio Lentulus, quando ainda não se haviam realizado os funerais de Agripa Severus, percebeu claramente a atitude mental do senador para consigo, concluindo que lhe não seria possivel enganar o tacto psicologico do velho senador.

Dois dias após as ceremonias fúnebres, o liberto procurou Araxes no seu miserável refúgio do Esquilino, com o espírito exacerbado e inquieto.

Crendo sinceramente nas intervenções maravilhosas do mago, á vista das suas faculdades divinatórias, aproveitadas, aliás, por fôrças tenebrosas do plano invisível, ligadas ás suas sinistras ambições de dinheiro, notou Saúl que o adivinho o recebia com a misteriosa fleuma de sempre. Deixou bem ao alcance da vista, a bolsa volumosa e enorme, recheada de ouro, como a demonstrar-lhe as suas ricas possibilidades financeiras, para aquição do talismã de sua ventura.

O velho feiticeiro, encarquilhado pelos anos, reconhecendo-lhe as disposições generosas, desfazia-se em sorrisos de benevolencia ambiciosa e enigmática, parecendo devassar-lhe o olhar assustadiço e inquieto, com o fulgor estranho dos seus olhos móveis e penetrantes.

— Araxe — exclamou Saúl com voz quasi súplice — estou cansado de esperar o amor da mulher que adoro! Estou afilito e preocupado... Preciso serenar minhas penosas aflições. Ouve-me! Quero de tuas mãos o talismã da felicidade para o meu amor desventurado!... Por que demora tanto o efeito da tua ciencia?... Queres dinheiro?! Dou-te tudo o que pedires.

O velho adivinho guardou por minutos a cabeça entre as mãos, no gesto que lhe era peculiar e depois, respondeu em voz quasi sumida:

— Senhor, dizem-me as vozes do invisível que as vossas aflições não são resultantes de um amor incomprendido e desesperado...

Mas, o liberto de Flaminio, que sofria o mais fundo desespérô de conciencia por haver eliminado um amigo e benfeitor, em plena floração da juventude, cortou-lhe a palavra exclamando incisivamente:

— Como ousas contradizer-me, feiticeiro infame!

Araxes, todavia, com um brilho estranho nos olhos móveis, revidou com presteza:

— Julgais-me, então, um feiticeiro infame? Nem

por isso, todavia, deixarei de falar a verdade, quando a verdade me convenha.

— Pois repito o que disse e a que verdades misteriosas aludes, em tuas vagas afirmativas? — falou o liberto, fundamente exasperado.

— A verdade, meu amigo — dizia o mago com serenidade quasi sinistra — é que se estais tão perturbado é sómente porque sois um criminoso. Assassinas, friamente, um benfeitor e um amigo, e a vossa conciença de celerado teme a implacável ação da justiça!

— Cala-te, miserável! Como o soubeste? — exclamou Saúl, excitadíssimo, ao mesmo tempo que arrancava um punhal de entre as dobras de suas vestes.

E avançando para o velho indefeso, acrescentava com voz cavernosa:

— Já que as tuas ciencias ocultas te proporcionam conhecimentos perniciosos á tranquilidade alheia, deves também desaparecer!...

Araxes comprehendeu que o momento era decisivo. Aquele homem arrebatado era capaz de eliminá-lo de um só golpe. Medindo a situação num relance e movimentando toda a sua argucia para conservar os bens da vida, esboçou um sorriso fingido e complacente, exclamando:

— Ora, ora, se falei a verdade foi tão sómente para que possais avaliar os meus poderes espirituais, porquanto, se é do vosso desejo, poderei integrar-vos, imediatamente, na posse do talismã que vos é necessário. De posse dele, sereis profundamente amado pela mulher de vossas preferências... Com ele, modificareis os mais íntimos sentimentos dessa criatura que adorais e que vos fará, então, a felicidade de toda a vida. Quanto ao mais, não sois o primejro a tirar a vida de um semelhante, porque todos os dias me aparecem freqüentes nas vossas condições, batendo a estas portas. Além disso, entre nós deve existir uma grande confiança reciproca, porque sois meu cliente há mais de dez anos.

Ouvindo-lhe as palavras benevolentes e serenas, o liberto de Flaminio embainhou novamente a arma, considerando novas perspectivas de felicidade e concordando em tudo com o adivinho, que, fazendo-o sentar-se, lhe ocupou a atenção por mais de uma hora com a descrição de fatos idênticos aos que lhe ocorriam, demonstrando teoricamente a eficiência dos seus amuletos miraculosos. Ia a palestra em boa fórmula, quando Saúl lhe solicitou a cessão imediata do talismã, porquanto, desejava experimentar-lhe o efeito naquele mesmo dia, ao que Araxes respondeu pressuroso:

— O vosso talismã está pronto. Posso entregar-vos esta preciosidade agora mesmo, dependendo tão sómente de vós mesmo, porque precisareis beber o filtro necessário, que vos colocará na situação espiritual requerida pelo cometimento.

Saúl não fez questão de submeter-se ás imposições do velho egípcio, nas suas manobras estranhas e misteriosas, penetrando uma câmara ornamentada de vários símbolos extravagantes, que lhe eram totalmente desconhecidos.

Araxes levava a efeito as encenações mais sugestivas. Vestiu-lhe sobre a toga comum, larga túnica igual à sua e, depois de fingidas posições de magia incompreensível, foi ao interior do pequeno laboratório, onde tomou de um tóxico violento, monologando intimamente de si para consigo: — “Vais receber o talismã que mais te convém neste mundo”.

Deitou algumas gotas do perigoso filtro numa taça de vinho e, com largos gestos espetaculosos, como se estivesse obedecendo a um ritual ignorado, deu-lhe a beber o conteúdo, prosseguindo nos seus gestos exóticos, que eram bem as expressões pitorescas e sinistras de uma extravagante magia de morte.

Ingerindo o vinho na melhor intenção de guardar o amuleto da sua felicidade, o perigoso liberto sentiu que seus membros se relaxavam sob o império de uma força desconhecida e destruidora, porquanto lhe faltava a própria voz para externar as emoções mais íntimas.

Quis gritar, mas não conseguiu e inúteis foram todos os esforços para levantar-se. Aos poucos, os olhos turvaram-se lugubremente, como enevoados por uma sombra espessa e indefinível. Desejou manifestar o seu ódio ao mago assassino, defender-se daquela angustia que lhe sufocava a garganta, mas a língua estava hirta e um frio penetrante invadiu-lhe os centros vitais. Deixando pender a cabeça sobre os cotovelos apoiados ao longo da mesa ampla, comprehendeu que a morte violenta lhe destruía todas as forças pleonas das organizações.

Araxes fechou tranquilamente o quarto, como se nada houvesse acontecido, e voltou á sua loja, atendendo solicito á clientela numerosa, sem quebra da sua habitual serenidade.

Antes da noite, porém, penetrou na câmara mortuária e evasional a bolsa do cadáver, guardando-a silenciosamente entre as suas fartas reservas de avarento.

Depois das vinte e três horas, quando a cidade dormia, o velho feiticeiro do Esquilino misturava-se aos escravos que faziam o serviço noturno dos transportes, conduzindo uma pequena carroça de mão, dentro da qual ia um grande volume.

Após longo trajeto, ganhava as cercanias do Fórum, entre o Capitolio e o Palatino, onde descansou, esperando o derradeiro quarto da madrugada, quando, então, despejou a carga num ângulo escuro da via pública, voltando tranquilamente para o seu sono de cada noite.

No dia seguinte, o cadáver de Saúl foi facilmente identificado e, quando o senador buscava o liberto para declarações, recebeu a surpresa daquela notícia inesperada, inquirindo a si mesmo as razões daquela morte imprevista e estranha, aturdido com a entrosagem do mecanismo da justiça divina e perguntando, intimamente á própria consciência, se Saúl não seria um de aqueles criminosos imediatamente justiçados pela lei das compensações, no caminho infinito dos destinos.

Seu coração, mais que nunca inclinado ao exame das profundas questões filosóficas, perdia-se num abismo

de conjecturas, recordando a recomendação do espirito de Flaminio e as lições cariciosas de Ana, dentro de suas frases evangelicas, procurava, com a maior boa vontade, resolver o problema do perdão e da piedade. Desejoso de satisfazer á propria conciencia nas atividades da vida prática, buscou contrariar as suas tradições e os seus costumes em face do acontecimento, e, dirigindo-se á residencia do algoz de seus filhos, tomou todas as providências para que não lhe faltassem a decencia e o respeito nas ceremonias fúnebres. Alguns escravos e servos de confiança estavam habilitados a solucionar todos os problemas atinentes aos negocios deixados pelo morto, mas, cooperando nas suas exequias, Publio Lentulus se sentia satisfeito por vencer a aversão pessoal, homenageando, ao mesmo tempo, a memória de Flaminio.

Localizando-se com a sua nova companheira, em Avenio, Plinio Severus teve conhecimento, por intermedio de amigos, da tragedia que se desenrolara em Roma na noite de sua ausencia, sendo igualmente cienteificado das dúvidas penosas que pairavam a seu respeito Profundamente tocado nas suas fibras emotivas, lembrando-se do irmão que, tantas vezes lhe testemunhara as mais altas provas de afeto, desejou regressar, de maneira a esclarecer convenientemente o assunto, vingando-lhe a morte; todavia, amolecido nos braços de Aurelia e receoso do julgamento do velho senador, respeitado como um pai, além da suspeita que lhe causava a notícia da inexplicavel enfermidade da espôsa, deixou-se ficar na sua vida incompreensivel, através de Avenio, de Massilia, de Arelate, de Antipolis e Nicê, buscando esquecer no vinho dos prazeres as grandes responsabilidades que lhe cabiam.

Junto de Aurelia, a vida do oficial decorreu em tranquilidade condenavel, por três longos anos, quando um dia teve a dolorosa surpresa de encontrar a companheira perfida e insensivel nos braços do músico e cantor Sergio Acerroni, chegado á Massilia com as ruidosas alegrias da capital do Imperio.

Nesse dia amargurado da sua existencia, o filho de Flaminio investiu a mulher traídora, de arma na mão,

disposto a tirar-lhe a vida criminosa e dissoluta. No instante, porém, da sua desforra, considerou intimamente que o assassinio de uma mulher, ainda que diabolicamente perversa, não deveria entrar nos trâmites da sua vida, supondo ainda que, deixá-la viver no caminho escabroso de suas crueldades seria a melhor vindita do seu coração traído e desventurado.

Abandonou, então, para sempre, aquela misera criatura, que foi eliminada mais tarde, em Antium, pelo punhal implacavel de Sergio, que não lhe tolerou o adulterio e a pervicacia no crime.

Sentindo-se só, Plinio Severus considerou, amarguradamente, os erros clamorosos da sua vida. Reviu o passado de futilidades condenaveis e atitudes loucas. Quasi pobre, viu-se miserrimo para voltar ao ambiente romano, onde, por tantas vezes, brilhara na mocidade, em aventuras prodigas e felizes.

Debalde enviara-lhe o senador apelos afetuosos. Chamado a brios pelas lições dolorosas do proprio destino, o oficial, amparado por alguns amigos de Roma, preferiu esforçar-se pela sua rehabilitação nas cidades das Galias, onde permaneceria longos anos em trabalho silencioso e rude, pelo reerguimento do seu nome diante dos parentes e amigos mais íntimos.

Já entrado nas profundas reflexões da idade madura, grande foi o seu penoso esforço de rehabilitação, distante dos entes mais caros.

Quanto ao velho senador, resistiu, decididamente, dentro da sua rigida estrutura espiritual, aos golpes asperrimos do destino. Fazendo da luta de cada dia o seu melhor caminho de esclarecimento, viu passar os anos sem desânimo e sem ociosidade, nas avançadas expressões da sua fortuna material.

Desde os tragicos acontecimentos em que Agripa e Saúl haviam perdido a vida misteriosamente, com o abandono definitivo do marido, Flavia Lentulia tinha a saúde abalada para sempre. Na epiderme, os venenos de Athéia haviam sido anulados e vencidos pelas substâncias medicamentosas aplicadas, mas a luz dos seus

olhos fôra aniquilada para todo o sempre. Desalentada e cega, encontrou, porém, no coração generoso de Ana, o carinho materno que lhe faltava em tão penosas circunstâncias da vida.

A constituição física do senador, contudo, resistia a todos os embates e infortunios.

Entre os esforços de carinhosa assistencia á filha e as lides politicas que lhe tomavam o maximo de atenção, seus dias decorreram cheios de lutas acerbas, mas silenciosos e tristes, como sempre. Em seu espirito, havia agora as melhores e mais sinceras disposições para apreender a essencia sagrada dos ensinamentos do Cristianismo, e foi assim que o seu coração penetrou o crepusculo da velhice, como se as suas sombras fossem clarificadas por estrélas cariciosas e suaves. No seu íntimo, permanecia uma serenidade imperturbavel, mas, na vida do homem corria o sôpro inquieto do esfôrço pelas realizações do seu tempo. O coração estava resignado com as desilusões penosas e amargas do destino, porém, no poder supremo do Imperio estava um tirano, que precisava caír em beneficio das construções do direito e da familia, e por isso, junto de numerosos companheiros, entregou-se ao trabalho sutíl da politica interna, para a queda de Domicio Nero, que prosseguia avassalando a cidade com os espectaculos odiosos do seu nefando reinado.

Caius Pisão, Seneca, bem como outras figuras veneraveis da época, mais exaltadas no seu patriotismo e amor pela justiça, caíram sob as mãos criminosas do celerado que cingia a corôa, mas Publio Lentulus, ao lado de outros irmãos de ideal que trabalharam no silêncio e na sombra da diplomacia secreta, junto dos militares e do povo, esperou pela morte ou pelo banimento do tirano, aguardando as claridades do futuro, surgidas com o efemero reinado de Servio Sulpicio Galba, que, no dizer de Tacito, era "considerado por todos, digno do governo supremo do Imperio, se não houvesse sido Imperador.

VIII

NA DESTRUICAO DE JERUSALEM

Mais de dez anos correram, silenciosos e amargurados, depois de 58, sobre a vida comum dos personagens desta história.

Sómente em 68, conseguira a politica conciliatoria de grande número de patricios, entre os quais Publio Lentulus, o definitivo afastamento de Domicio Nero com as suas nefandas crueldades. Todavia, a ascensão de Galba durara poucos meses e aquele ano de 69 ia definir grandes acontecimentos na vida do Imperio.

Lutas numerosas encheram a cidade de pavor e de sangue.

A terrivel contenda entre Othão e Vitelino dividira todas as classes da familia romana, em facções hostis, que se odiavam ao extremo.

Afinal, a famosa batalha de Bedriac dava o trono a Vitelio, que inaugurou um novo círculo de crueldades em todos os sectores politicos.

A diplomacia interna, porém, vigiava na sombra, examinando atentamente a situação, de modo a não permitir a continuidade de um novo surto de exterminio e de infamia.

Vitelio apenas conservou o governo por oito meses e dias, porque no mesmo ano de 69, as legiões do territorio africano, trabalhadas pela orientação sutíl dos que haviam destronado Nero e seus asseclas, haviam proclamado Vespasiano para a suprema investidura do Imperio. O novo imperador, que ainda se encontrava no campo de seus feitos de armas, empenhado na pacificação da Judéia distante, satisfazia as exigencias mais avançadas de todas as classes civis e militares, sendo recebido em triunfo para o posto supremo e iniciando-se, assim, a era prestigiosa dos Flavios.